TEATRO

MARGARIDA MAX

MISTINGUETT

TEATRO NO RIO

A. ACCIOLY NETTO

DUAS ESTRÊLAS QUE MORREM — Este início de ano, 1956, foi marcado por duas notícias tristes no mundo brilhante do teatro musicado, do eterno "music-hall", fonte perene de alegria e deslumbramento, para o coração das platéias de todo o mundo. Duas estrêlas morreram — duas luzes se apagaram — Jeanne Bourgeois e Margarida Tocatelli. A primeira, Jeanne, era da França, nasceu em Poite-Raguet, próximo de Montmorency, filha de um colchoeiro, em 5 de abril de 1875 — a outra, Margarida, era do Brasil, nasceu em Franca, Estado de São Paulo, filha de um engenheiro, em 14 de abril de 1902. Ao grande público, porém, êsses dados são indiferentes, pois aquelas que conhecia, amava e aplaudia, uma pequena e ardente, de voz rouca, com o invencível "acent faubourien", uma mecha rebelde de cabelos castanhos na testa, olhos brejeiros e duas pernas perfeitas, tão bonitas que deixavam de ser matéria e se denominavam de "espirituais", era a "Miss" ou Mistinguett — a segunda, alta e esbelta, de um moreno discreto e quente, olhos risonhos, cabelos cortados "à la garçonne", uma bela voz que aos poucos se educou, era Margarida Max. E sobretudo, as duas, a francesa e a brasileira, possuíam aquela flama, aquela mágica atração, a simpatia irresistível que fazem da estrêla da revista, uma autêntica vedeta mimada pelos empresários, bafejada pela publicidade que lhes dá "manchette" nos jornais e letreiros luminosos na fachada dos teatros, uma categoria artística rigorosamente indefinível, de ídolo das multidões, que muitas atrizes ostentam, tôdas desejam mas que poucas, muito poucas, podem verdadeiramente ostentar. Mistinguett foi um sucesso que não se explica, uma espécie de milagre teatral, numa longa carreira fulgurante, que durou meio século, começou em Paris, transbordou depois pelo mundo inteiro, como um meteoro, para transformar seu nome num símbolo inesquecível, por suas pernas maravilhosas, suas plumas, seus galãs e principalmente as canções imortais que lançou. "Moulin Rouge", "Follies Bergère", Max Dearly, Chevalier, Nino Carenzio, "Ma pomme", "C'est mon Homme", lembram as presenças dessa eterna garôta, que até os oitenta anos pisou o palco com a graça e a desenvoltura de uma adolescente deslumbrada pela vida. Margarida Max, que veio ao teatro por acaso, começou na comédia, atingiu a ópera e atuou diante do microfone, mas que sempre foi a trêfega Margarida de "A La Garçonne", que punha a platéia em delírio sempre que aparecia em cena, pedindo aos gritos que repetisse sempre suas canções, como se nada mais fôsse importante na revista, a não ser sua presença. Sempre marcada pela flor do sucesso, e que desabrochou pela última vez há quatorze anos em São Paulo, numa das mais belas produções dêsse grande Freire Júnior, que se chamava "Marcha, Soldado", glorificando uma nobre página da política bandeirante, teve, entretanto, uma carreira curta que durou pouco mais de vinte anos. "Como é que pode", "A La Garçonne", "Ouro à Bessa", "Feitiço", "Tosca" são títulos, entre muitos, que lembram sua atuação no teatro, onde estêve ao lado de Sílvio Caldas, Mesquitinha, Oduvaldo Viana, Procópio, Marcel Klass, Sílvio Vieira e Antônio Salvarezza. Mistinguett e Margarida Max morreram longe do palco, a fabulosa "Miss", quando já a carga dos anos, mais de oitenta, pesavam demasiadamente sôbre seus ombros frágeis, mas tão resistentes que suportaram cinco decênios de atuação diante das luzes da ribalta, desde que apareceu pela primeira vez, na esfarrapada "Mome Flora". — Margarida, ainda jovem e forte, preferiu sua casinha de Três Rios, quando ainda muito podia brilhar, se quisesse. Em Paris, aquela que foi Jeanne Bourgeois teve funerais esplêndidos e suntuosos — no Rio, a antiga Margarida D'Alessandre Tocatelli, foi acompanhada ao túmulo apenas por um punhado de amigos dedicados. Fausto ou modéstia pouco importa — o que vale é o nome que deixaram, a contribuição que legaram à mais fascinante das artes teatrais — o "music-hall", a revista que está no coração do povo. Quando uma estrêla morre, longe, no céu, sua luz, por muito tempo, ainda cintila, percorrendo os imensos espaços siderais — o mesmo acontece quando se apaga uma estrêla, uma verdadeira estrêla de palco, que tem brilho próprio como as outras, pelo muito que souberam dar a seu público, em alegria e emoção, na mais bela e árdua das profissões. Com Jeanne Bourgeois e Margarida Tocatelli findou-se uma grande época do teatro musicado. Mas porque elas tanto trabalharam é que novas vedetas surgiram, outras virão e hoje, como sempre, o espetáculo continua... Adeus "Miss" — adeus Margarida!

TEATRO EM S. PAULO

CLÓVIS GARCIA

"ESCOLA DE MARIDOS", de Molière (Teatro de Arena) — O Teatro de Arena comemorou o seu primeiro aniversário em instalações próprias. Depois de suas primeiras experiências, ainda na Escola de Arte Dramática, José Renato organizou uma companhia permanente, que se apresentou no salão do Museu de Arte Moderna e em outros locais até que conseguiu inaugurar seu próprio teatro, há um ano. Nesse período, foram apresentados vários espetáculos com sucesso artístico, bem como foram feitas duas excursões ao Rio, muito bem recebidas pela crítica carioca. Para José Renato, o pioneiro no Brazil da nova e antiga forma de teatro circular, êsse primeiro aniversário representa um marco decisivo nas atividades do T. A. e, por isso, resolveu comemorá-lo em grande estilo, montando o seu espetáculo mais audacioso, não só do ponto de vista artístico como do financeiro, com "Escola de Maridos", de Molière. E ainda conseguiu uma maneira de comemorar o centenário de Arthur Azevedo, encenando a sua deliciosa tradução em versos dessa comédia do grande autor.

Vários obstáculos teriam desanimado outro diretor, menos corajoso do que José Renato. Em primeiro lugar, Molière por si só assusta qualquer diretor novo pelas exigências de estilo e dificuldades de encenação, o que explica a sua permanente ausência do repertório das nossas companhias profissionais. Em segundo lugar, todos se lembram das últimas e excelentes apresentações de Molière vistas em São Paulo, e devidas à "Commédie Française" e a "Barrault, que certamente levariam a uma comparação injusta. Além disso, a tradução de Arthur Azevedo, em versos e com vocábulos em desuso, exigiria dos atores conhecimentos técnicos especiais. O elenco seria forçosamente heterogêneo. Finalmente, a realização em teatro de arena, de pequeno espaço cênico, não permitiria a utilização de recursos auxiliares, como cenários, jôgo de planos, movimentação ampla, etc. Entretanto, a direção de José Renato conseguiu em grande parte superar êsses problemas. Se a representação nem sempre foi homogênea, com alguns pontos fracos, especialmente na dialogação em versos, o resultado geral foi muito bom, com inteligentes marcações e uma movimentação imaginosa, um ritmo vivo, com os principais atores sustentando o interêsse do espetáculo e mesmo com um arranjo cênico e guarda-roupa (de Willis Souza Castro) apreciáveis.

Waldemar Wey, sòzinho, garantiu o sucesso do espetáculo. Repetindo suas últimas atuações do TBC, Waldemar Wey sustentou com grande classe o difícil papel de "Sganarello", com domínio completo do texto em versos, com preciso jôgo corporal, com uma eficiente utilização dos seus recursos cômicos e, o que é importante no caso, com completa comunicação com o público. Sua interpretação foi realmente excepcional. Luiz Eugênio Barcelos (o "Gogô", de "Esperando Godot", da E. A. D.) fêz sua estréia no profissionalismo com um primeiro ato impreciso, mas com um excelente segundo ato. Riva Nimitz também nos pareceu insegura no início, para atuar esplêndidamente no segundo ato, contracenando com Waldemar Wey em igualdade de condições, com um perfeito e expressivo jôgo fisionômico. Gianfrancesco Guarnieri, a mais séria revelação de ator dêstes últimos tempos, também estreou no profissionalismo, valorizando um pequeno papel numa demonstração de qualidades inatas de ator. Floramy Pinheiro não conseguiu dominar inteiramente o ritmo dos versos, mas fêz prevalecer sua classe indiscutível. Salomão Guz, também vindo do amadorismo, não confirmou, numa interpretação sem vigor, as possibilidades reveladas em atuações anteriores. Wanda Primo, bastante graciosa, e José Renato, curiosamente caricato numa "ponta", merecem menção. Os demais, Ricardo Klaus, Oduvaldo Viana Filho, revelando possibilidades como ator característico que não lhe conhecíamos, Alzira Mattar (vinda do "ballet"), Nina Neri, Milton Leandro e Leonardo Fernandes colaboraram.

As músicas do século XVII, selecionadas e executadas por Cláudio Petraglia, enriqueceram o espetáculo.

RIVA NIMITZ e Solomão Guz em "Escola de Maridos", peça de Molière, no Teatro de Arena.

WALDEMAR WAN, Floramy Pinheiro e Wanda Primo em cena no Teatro de Arena, em São Paulo.

"O Cruzeiro" 3/Março/56

Instituto de Arte Contemporânea